

PARA LER COM PRAZER

proposições didáticas para o ensino da
literatura e cultura africana, afro-brasileira e indígena
em sala de aula



UNIVERSIDADE REGIONAL INTEGRADA
DO ALTO LURUÁI E DAS MISSÕES

Reitor

Luiz Mario Silveira Spinelli

Pró-Reitora de Ensino

Rosane Vontobel Rodrigues

Pró-Reitor de Pesquisa, Extensão e

Pós-Graduação

Giovani Palma Bastos

Pró-Reitor de Administração:

Nestor Henrique de Cesaro

Câmpus de Frederico Westphalen

Diretora Geral

Silvia Regina Canan

Diretora Acadêmica

Elisabete Cerutti

Diretor Administrativo

Clovis Quadros Hempel

Câmpus de Erechim

Diretor Geral

Paulo José Sponchiado

Diretora Acadêmica

Elisabete Maria Zanin

Diretor Administrativo

Paulo Roberto Giollo

Câmpus de Santo Ângelo

Diretor Geral

Gilberto Pacheco

Diretor Acadêmico

Marcelo Paulo Stracke

Diretora Administrativa

Berenice Beatriz Rossner Wbatuba

Câmpus de Santiago

Diretor Geral

Francisco de Assis Górski

Diretora Acadêmica

Michele Noal Beltrão

Diretor Administrativo

Jorge Padilha Santos

Câmpus de São Luiz Gonzaga

Diretora Geral

Sonia Regina Bressan Vieira

Câmpus de Cerro Largo

Diretor Geral

Edson Bolzan



CONSELHO EDITORIAL DA URI

Presidente

Denise Almeida Silva (URI)

Conselho Editorial

Acir Dias da Silva (UNIOESTE)

Adriana Rotoli (URI/FW)

Alessandro Augusto de Azevedo (UFRN)

Alexandre Marino da Costa (UFSC)

Antonio Carlos Moreira (UNOESC/URI)

Attico Inacio Chassot (URI/FW)

Breno Antonio Sponchiado (URI/FW)

Carmen Lucia Barreto Matzenauer (UCPel)

Cláudia Ribeiro Bellochio (UFMS)

Claudir Miguel Zuchi (URI/FW)

Daniel Pulcherio Fensterseifer (URI/FW)

Dieter Rugar Siedenberg (UNIJUI)

Edite Maria Sudbrack (URI/FW)

Elisete Tomazetti (UFMS)

Elton Luiz Nardi (UNOESC)

Elson Pelegrini (URI/FW)

João Ricardo Hauck Valle Machado (AGES)

José Alberto Correa (Universidade do Porto,
Portugal)

Júlio Cesar Godoy Bertolin (UPF)

Lenir Basso Zanon (UNIJUI)

Leonel Piovezana (Unochapeco)

Leonor Schiar-Cabral Professor Emeritus (UFSC)

Liliana Locatelli (URI/FW)

Lisiane Ilha Librelotto (UFSC)

Lizandro Carlos Calegari (UFMS)

Lourdes Kaminski Alves (UNIOESTE)

Luis Pedro Hillesheim (URI/FW)

Luiz Fernando Framil Fernandes (FEEVALE)

Maria Cristina Gubiani Aita (URI/FW)

Maria Simone Vione Schwengber (UNIJUI)

Marília dos Santos Lima (PUC/RS)

Mauro José Gaglietti (URI/Santo Ângelo)

Miguel Ângelo Silva da Costa (UNOCHAPECO)

Nestor Henrique De César (URI/FW)

Noemi Boer (URI/Santo Ângelo)

Patrícia Rodrigues Fortes (CESNORS/FW)

Paulo Vanderlei Vargas Groff (UERGS/FW)

Rosa Maria Locatelli Kalil (UPF)

Rosângela Angelin (URI/Santo Ângelo)

Sibila Luft (URI/Santo Ângelo)

Tania Maria Esperon Porto (UFPEL)

Vagner Felipe Kühn (URI/FW)

Vicente de Paula Almeida Junior (UFES)

Walter Frantz (UNIJUI)

Ximena Antonia Diaz Merino (UNIOESTE)

ANA PAULA TEIXEIRA PORTO
DENISE ALMEIDA SILVA
LUANA TEIXEIRA PORTO
(Organizadoras)

PARA LER COM PRAZER

proposições didáticas para o ensino da
literatura e cultura africana, afro-brasileira e indígena
em sala de aula

Série Pesquisa & Ensino



Frederico Westphalen - RS
2015



Este trabalho foi licenciado com a Licença Creative Commons Atribuição - NãoComercial - SemDerivados 3.0 Não Adaptada. Para ver uma cópia desta licença, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/> ou envie um pedido por carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

Organização: Ana Paula Teixeira Porto, Denise Almeida Silva e Luana Teixeira Porto

Revisão metodológica: Tani Gobbi dos Reis

Revisão de Linguística: Luana Teixeira Porto e Denise Almeida Silva

Capa/Arte: André Forte

Projeto gráfico: André Forte

Impressão: Gráfica Boscardin

Permitida a reprodução, desde que citada a fonte.

As informações, ideias e conceitos apresentados em cada resumo bem como sua redação formal são de responsabilidade exclusiva dos(as) autores(as).

Catálogo na Fonte elaborada pela
Biblioteca Central URI/FW
Bibliotecária Gabriela de Oliveira Vieira

P237 Para ler com prazer: proposições didáticas para o ensino da literatura africana, afro-brasileira e indígena em sala de aula / Organizadoras: Ana Paula Teixeira Porto, Denise Almeida Silva, Luana Teixeira Porto. – Frederico Westphalen : URI Frederico Westph, 2015.
228 p. – (Série Pesquisa & Ensino).

ISBN 978-85-7796-138-2

1. Literatura. 2. Afrocultura. 3. Indígenas. 4. Ensino. I. Porto, Ana Paula Teixeira. II. Silva, Denise Almeida. III. Porto, Luana Teixeira. IV. Título.

CDU 82.09



URI – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Câmpus de Frederico Westphalen:

Prédio 9

Rua Assis Brasil, 709 – CEP 98400-000

Tel.: 55 3744-9223 – Fax: 55 3744-9265

E-mail: editora@uri.edu.br

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

SUMÁRIO

Resgatando a memória, reescrevendo a história _____	9
Maria Thereza Veloso	
1 CULTURA E LITERATURA AFRO-BRASILEIRA _____	17
1. 1 Literatura brasileira e literatura afro-brasileira _____	19
Literatura brasileira: novo olhar, nova voz _____	21
Denise Almeida Silva	
1. 2 Na sala de aula: proposições didáticas _____	35
África brasileira e Brasil à africana _____	37
Dagoberto José Fonseca	
Cultura afro-brasileira: herança, atualidade, direções _____	49
Heloisa Toller Gomes	
Oliveira Silveira e a poesia afro-gaúcha _____	59
Ana Beatriz Gonçalves	

Contos afro-brasileiros em sala de aula _____	69
Maria Carolina de Godoy	
Uma cota de conto com uma parcela de poesia _____	77
Ione da Silva Jovino	
2 CULTURA E LITERATURA AFRICANA _____	89
2. 1 Um panorama da literatura africana de língua portuguesa _____	91
África lusófona: da oralidade à crítica na arte literária _____	93
Sílvia Niederauer	
2. 2 Na sala de aula: proposições didáticas _____	103
Relações entre literatura e história: a narrativa de Agualusa	105
Ana Lúcia Guterra	
Ana Paula Teixeira Porto	
Cláudia Maira de Oliveira	
A vez dos animais na literatura e no cinema _____	115
Ana Paula Teixeira Porto	
Daniela Tur	
Emanoeli Ballin Picolotto	
Luciane Pokulat	
Diálogos intertextuais: conto de Boaventura Cardoso e reportagem jornalística _____	127
Ana Paula Teixeira Porto	

Jaime André Klein
Marcelo Santos Rosa
Minéia Huber

Angola e Brasil: literatura e direitos humanos _____ 143

Ana Paula Teixeira Porto

Luana Teixeira Porto

3 CULTURA E LITERATURA INDÍGENA _____ 153

3. 1 Um convite à reflexão: literatura indígena em cena _____ 155

**Da invisibilidade à “pacificação” do branco: percursos da
autoria indígena no Brasil** _____ 157

Ana Lúcia Liberato Tettamanzy

3. 2 Na sala de aula: proposições didáticas _____ 173

***A mulher que virou urutau: conhecendo o povo Guarani
através da literatura*** _____ 175

Érika Bergamasco Guesse

**A literatura indígena e a construção dos letramentos
cultural, literário e multimodal** _____ 189

Janice Cristine Thiél

**Redescobrimdo o Brasil: a literatura indígena nos cursos
de nível superior** _____ 199

Rubelise da Cunha

Do Uraricoera às outras querências: memória e cultura indígena na literatura	211
Marcia Rejane Kristiuk	
Regina da Costa da Silveira	
Dados sobre os autores	225

Resgatando a memória, reescrevendo a história

Maria Thereza Veloso

(...) Olhe lá embaixo, veja aquelas crianças como estão despreparadas para a vida, sem estudo, sem casa, sem condição de vida humana. Dá para acreditar que elas fazem parte da Natureza? (MONTEIRO, 2003 p. 40).

Um dia antes / um dia avante / a dívida acumula / e fere o tempo tenso / da paciência gasta / de quem há muito espera. (EVARISTO, 1998 p. 44).

A riqueza étnica e cultural advinda dos povos de raízes negras e indígenas, cofundadores do caráter miscigenado, da identidade mestiça em que o brasileiro se reconhece e que o distingue e individualiza como nação – eis o tema que reuniu escritores e professores pesquisadores no III Simpósio de Afrocultura que, em 2014, realizou-se em Frederico Westphalen, ao noroeste do Rio Grande do Sul.

Para o curso de Mestrado em Letras – Literatura Comparada – e para a Licenciatura em Letras, na condição de promotores –, a realização do Simpósio não significou apenas um momento de aprendizagem; nem somente outra oportunidade para compartilhar conhecimentos necessários ao cumprimento da legislação sobre a obrigatoriedade do ensino da História da África e da cultura afro-brasileira. Tampouco se limitou a discorrer sobre a igualmente variada e rica herança cultural indígena, ou para dar a conhecer mais sobre os matizes cosmogônicos da sua relação com a natureza e com o todo que a constitui. Visaram, sim, ao oferecimento, à comunidade local e da região, de momentos de

reflexão sobre e com esses objetivos.

A partir dessa perspectiva, o olhar, a percepção e consciência profissional dos responsáveis pela terceira edição do Simpósio de Afrocultura, ao reafirmarem os propósitos que iluminaram as edições anteriores, lograram ver além de si mesmos, ousaram avançar para muito mais adiante – aceitaram o repto do seu tempo, do agora e de suas circunstâncias sócio-históricas. Que se cumpra a Lei, sim, mas não somente por obediência subserviente à sua letra fria. Que se a cumpra, antes e essencialmente, pela vivência do sentimento de pertença a uma só comunidade, aquela dos que se reconhecem iguais em dignidade enquanto seres de consciência, vontade e liberdade.

A proposta assumida e levada a termo durante o conclave foi a de contribuir para construção compartilhada de ideias que, dentro e fora do ambiente escolar, façam diferença, que se transformem em práticas cotidianas de resgate e respeito, de reconhecimento e de vivência de valores existenciais de que essas duas vertentes étnicas – a negra e a indígena - são repositórios de inestimável grandeza espiritual e sociocultural.

Nessa perspectiva se esboçou esta obra. De certa maneira, ela reflete o contexto multi-identitário que faz do Brasil, e do Rio Grande do Sul em particular, um latente mosaico de possibilidades de debates, de construção de espaços abertos à análise das expressões literárias afro-brasileiras e indígenas numa perspectiva comparatista. Não se deve esquecer a predominância da cultura negra que se miscigenou às de origem portuguesa e indígena no sul do Rio Grande do Sul, na primeira e na segunda fase da presença negra em território nacional. Tampouco se pode ignorar a contribuição da alma dos povos originários, representados ainda hoje no noroeste gaúcho pelo que remanesceu dos monumentos em pedra erguidos pela nação guarani. Uma e outra cultura demarcam ainda hoje, de forma indelével, os múltiplos recantos do espaço geoespiritual e cultural rio-grandense espaço identitário da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões/URI, promotora do Simpósio de Afrocultura de que esta obra se constitui como registro.

Ao longo das próximas páginas, três capítulos se desdobram ao olhar do leitor e o convidam a uma viagem pela perspectiva de um novo olhar e de uma nova voz. No primeiro deles, conduzido por Denise Almeida Silva, está lançado o desafio de se ingressar no cenário da cultura afro-brasileira com um novo olhar que a ela se volta para vê-la como uma arte que se consolida, que se afirma no cenário literário brasileiro. E “afirmar, aqui,” explica Silva (2015, p. 21),

tem o quádruplo sentido de certificar ou testificar, consolidar,

proclamar e, também, fitar: o olhar negro, porque longamente silenciado, é uma mirada nova, que convida a um novo olhar, ao mesmo tempo em que proclama e atesta, através de uma arte que crescentemente se consolida, a existência dessa mesma arte e do Outro que a pratica. Antes que o desejo de uma cisão, o prefixo 'afro', sinaliza, por um lado, a vinculação com a ancestralidade e cultura africana; por outro é, também, opção política que, ao atrelar o 'afro' ao adjetivo que denota brasilidade, reforça e visibiliza a pertença de um grupo excluído.

O segundo capítulo amplia a perspectiva aberta pelo anterior. Ao colocar a literatura de expressão portuguesa em questão, Silvia Helena Niederauer (2015, p. 93) percorre a África lusófona, indo da oralidade à crítica literária. “Por que ‘voltar’ ao colonizador tirano que extraiu desses povos praticamente tudo, deixando-os com marcas que se perpetuam até os dias atuais?” , pergunta ela para, logo após, delinear pela justificativa o rumo das reflexões que propõe ao leitor:

Porque diferente da cultura portuguesa, a tradição africana lusófona foi destituída de apreço e respeito pelo colonizador luso. (...) Foi, então, instituído o modo de falar, de sentir e de estar no mundo de acordo com os preceitos europeus, o que tinha por intenção primeira, o jugo do homem africano e de suas posses com relação ao português, dono do que conseguisse conquistar. (NIEDERAUER, 2015, p. 93-94).

Já no terceiro capítulo, em que a ênfase recai sobre a cultura e a literatura indígena tal como vieram sendo historicamente consideradas no âmbito da sociedade nacional, Ana Lúcia Tettamanzi (2015) inicia fazendo um retrospecto reflexivo sobre os processos coloniais e os contextos de submissão das sociedades indígenas deles decorrentes, passando pelas etapas evolutivas do pensamento científico-literário a respeito da contribuição advinda dos povos indígenas no campo da expressão mítico-religiosa e artística.

À certa altura de seu ensaio, a pesquisadora convoca:

Está mais do que na hora de acessarmos esse manancial mítico e poético e de darmos a ele interpretação e divulgação. O indígena objetificado na história com a imagem do néscio que trocava a riqueza do pau-brasil por espelinhos e miçangas nos devolve o olhar invertendo o estigma e a estranheza. Temos sido intolerantes com esse espelho que nos dirige ou ainda incapazes de escutar ou ler as representações que podem levar o país a se reconciliar consigo mesmo e amenizar o trauma do vazio da origem. Se as marcas da presença indígena são flagrantes nos topônimos, no repertório mítico e lendário tradicionais, na língua portuguesa por todos utilizada ou em hábitos tão marcantes como o de tomar

mate e comer carne espetada no chão, na escola, na universidade e na sociedade brasileira, ainda predomina o desconhecimento, quando não o preconceito, sobre os povos originários e sua herança – ou, ainda mais grave, sobre sua continuidade criativa no presente.”(TETTAMANZÝ, 2015, p. 171)

Nos três capítulos, há igualmente proposições didáticas pensadas com o intuito de conduzir a três objetivos fundamentais – ler, pensar e agir. Tais proposições estão distribuídas em três grandes temas, aos quais correspondem as três seções em que o livro está dividido, focalizando a cultura e literatura afro-brasileira, africana e indígena. Contribuem para essa reflexão sobre ensino os pesquisadores e professores: Ana Beatriz Gonçalves, Ana Lúcia Guterra, Ana Paula Teixeira Porto, Cláudia Maira de Oliveira, Dagoberto José Fonseca, Daniela Tur, Emanoeli Ballin Picolotto, Érika Bergamasco Guesse, Heloisa Toller Gomes, Ione da Silva Jovino, Jaime André Klein, Janice Cristine Thiél, Luana Teixeira Porto, Luciane Pokulat, Marcelo Santos Rosa, Marcia Rejane Kristiuk, Maria Carolina de Godoy, Minéia Huber, Regina da Costa da Silveira e Rubelise da Cunha.

Esta é, portanto, uma obra que não somente convida à reflexão, mas propõe e, ao fazê-lo, vai da teoria à prática, registrando a contribuição de pesquisadores de múltiplas universidades brasileiras para que, no cotidiano do pensar e (re)afirmar as raízes identitárias da nação, coloque-se em relevo a necessidade de saldar-se uma dívida sócio-histórica e cultural quase impagável, nascida da menos-valia há mais de cinco séculos imposta aos povos indígenas e afro-brasileiros e até o momento não resgatada dignamente.

Há que se resgatar essa dívida de múltiplas origens com os que, aqui estando, encontram-se em um não lugar, embora convivam com mais de um cenário identitário, forçados que são a essa condição pela consciência do não pertencimento que os acompanha e impulsiona a serem artífices de uma nova pátria, no interior deles próprios.

Outro não é o papel de uma Universidade do que o de debruçar-se sobre os desvãos e os mutantes e circunstanciais limites nascidos do contínuo deslocamento físico dos grupos diaspóricos por diferentes territórios geográficos e espirituais.

No entanto, se o olhar acadêmico sobre esses limites é fundamental para um melhor entendimento sobre o humano e seu imanente desejo de pertencimento a um espaço de origem, mais o é se o que está em jogo é o entendimento sobre o ainda não suficientemente conhecido exílio causado pelo deslocamento “interior”, motivador do sentimento de desamparo do “estrangeiro” que, para

sobreviver entre vozes movediças e realidades estranhas, estrangeiras àquelas de sua origem, necessita estar sem estar, ou seja, existir sonorizando-se no concerto de outras vozes, sem abdicar de sua própria voz.

Cabe à Universidade, portanto, conduzir a discussão e a prática do exercício da memória como atos possibilitadores do reencontro do sujeito com sua identidade e sua história, tal como lembra Roland Walter (2014, p. 153). Afirma ele que “para os afrodescendentes a (re)nomeação do seu lugar e da sua história significa reconstruir sua identidade, tomar posse de sua cultura; significa, em última análise, resistir a uma violência epistêmica que, nas suas diversas formas e práticas continua até o presente.”

Esse ponto de vista também se ajusta à realidade histórica dos povos indígenas originários, em sua convivência no conjunto da sociedade nacional. No que respeita à sua cultura e às manifestações literárias, também eles “padecem da invisibilidade (ou quanto menos da mistificação), na história e na sociedade brasileiras esses sujeitos e coletivos raramente têm sua capacidade fabuladora e poética reconhecida”, explica Tettamanzy (2015, p. 163), valendo-se do pensamento de Lúcia Sá para corroborar seu ponto de vista: “as fontes indígenas têm sido basicamente ignoradas, tanto como antecedentes indispensáveis para escritos posteriores quanto por seu valor intrínseco como corpus literário”, tendo seu papel “restrito ao de mero material etnográfico ou matéria-prima sem valor estético ou literário” (2012, p. 21).

Assim, ignoradas ou destituídas de suas identidades, tais culturas – a negra e a indígena – enquadram-se como portadoras de um silêncio que lhes é imposto pela memória coletiva, ela própria “feita de esquecimentos, de silêncios e de silenciamentos” como afirma Orlandi, observando que “os sentidos se constroem com limites. Mas também há limites construídos com sentidos (1999, p. 59).

Ao promover o registro memorialístico de um evento como o Simpósio de Afrocultura, que busca, a cada dois anos, servir como observatório e repositório de ações de resgate de culturas cofundadoras da nação brasileira na sua condição de ente ao mesmo tempo jurídico e espiritual, esta obra coletiva se autoidentifica como (re)construtora de sentidos que expandam os limites da memória sobre a contribuição das culturas indígenas e das de raízes africanas à cultura e à identidade do país.

Esta obra é, também, a consolidação de um gesto de esperança em tempos e ações menos injustas, menos castradoras de identidades que pelo silenciamento foram relegadas às margens, e uma resposta, certamente ainda incompleta, à pergunta-título dada por Esmeralda Ribeiro a um de seus poemas: “Serão sempre

as terras do senhor?” Nesse poema ela usa o esmeril de sua sensibilidade para fazer sua profissão de fé: “Um dia, quem sabe / depois de 300, 400, 1000 anos de Palmares / gestaremos novos Zumbis, Acotirenes / para redesenhar / a Nação / e talvez do rubro solo / verdes frutos hão de vir”. Essa é também a nossa fé, a nossa esperança e a razão do que você lerá a seguir.

Referências

EVARISTO, Conceição. Malungo, brother, irmão. *Cadernos negros: os melhores poemas*. São Paulo: Quilombhoje, 1998. p. 44.

MONTEIRO, D'Ileamar. Diálogo. *Cadernos Negros*, v. 26. São Paulo: Quilombhoje, 2003. p. 37-43.

NIEDERAUER, Silvia. África lusófona: da oralidade à crítica na arte literária. In: PORTO, Ana Paula Teixeira; SILVA, Denise Almeida; PORTO, Luana Teixeira. (Orgs.). *Para ler com prazer: proposições didáticas para o ensino da literatura e cultura africana, afro-brasileira e indígena em sala de aula*. Frederico Westphalen: URI, 2015. p. 93-102.

ORLANDI, Eni. Maio de 1968: os silêncios da memória. In: ACHARD et al. *Papel da memória*. Campinas, SP: Pontes, 1999. p. 59-67.

RIBEIRO, Esmeralda. Serão sempre as terras do senhor? In: *Cadernos Negros* 17. São Paulo: Ed. dos autores, 1994. p. 20-21.

SÁ, Lúcia. *Literaturas da floresta: textos amazônicos e cultura latino-americana*. Trad. Maria Ignez França. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

SILVA, Denise Almeida. Literatura brasileira: novo olhar, nova voz. In: PORTO, Ana Paula Teixeira; SILVA, Denise Almeida; PORTO, Luana Teixeira. (Orgs.). *Para ler com prazer: proposições didáticas para o ensino da literatura e cultura africana, afro-brasileira e indígena em sala de aula*. Frederico Westphalen: URI, 2015. p. 21-33.

TETTAMANZY, Ana Lucia. Da invisibilidade à “pacificação” do branco: percursos da autoria indígena no Brasil. In: PORTO, Ana Paula Teixeira; SILVA, Denise Almeida; PORTO, Luana Teixeira. (Orgs.). *Para ler com prazer:*

proposições didáticas para o ensino da literatura e cultura africana, afro-brasileira e indígena em sala de aula. Frederico Westphalen: URI, 2015. p. 157-172.

WALTER, Roland. Violência e trauma: mapas do corpo negro. *In*: BEZERRA, Rosilda Alves *et al.* *Entre centros e margens: literaturas afrodescendentes da diáspora*. Curitiba: Editora CRV, 2014. p. 143-155.